

Resenha: “Matilda” - Um clássico que encanta gerações

Por Malu Carvalho

19/05/2023 - Rio de Janeiro



Foto - Reprodução do filme Matilda

Presente na infância de muitos desde 1996, “Matilda” encanta tanto em seu caráter técnico quanto em sua representação subjetiva. Lançado como adaptação do livro homônimo do autor britânico Roald Dahl, marcado por sua genialidade e controvérsias, o longa se afasta das polêmicas relacionadas ao escritor e permeia gerações. Dirigido por Danny DeVito, a obra cumpre seu papel de divertir ao mesmo tempo que emociona e provoca reflexão, que, direcionada ao público infantil, não é de forma alguma superficial em seus sentidos.

Matilda Wormwood (Mara Wilson) nasceu em uma família desestruturada e negligente, então percebeu muito cedo que estaria sozinha em sua caminhada. Muito independente, a menina de apenas 6 anos aprendeu a se cuidar sozinha: cozinhava, se arrumava e passava horas lendo quando ficava só em casa. Seu pai, Harry (Danny DeVito), um trambiqueiro nato, e sua mãe, Zinnia (Rhea Perlman), viciada em jogos de azar, não davam a devida atenção à educação da filha, que só depois de muita insistência conseguiu convencê-los a ir para a escola. Lá, ela tem contato com dois mundos completamente diferentes: um que reforça o ambiente hostil com o qual estava acostumada em casa e outro permeado de cuidado e gentileza. A rigidez e desprezo da vilã diretora Trunchbull (Pam Ferris) contrapõe o zelo da professora Honey (Embeth Davidtz). Com um enredo repleto de magia e passagens irreais, o diretor conseguiu seguir o autor e apresentou um filme leve e criativo.

Essa criatividade consegue atingir um caráter praticamente onírico. Como toda história infantil de sucesso, o surrealismo está presente através da magia que contraria até mesmo a lei da gravidade. Isso se expressa nos poderes da protagonista, que consegue mover objetos com a força do pensamento, enquanto acompanhamos sua descoberta e aperfeiçoamento das suas capacidades. Em uma cena específica, Matilda está sozinha em casa treinando seus poderes e, ao som de “Little Bitty Pretty One” de Thurston Harris, os objetos ganham vida quando comandados pela garotinha. Sua boneca dança, as luzes se ligam e cartas e peças de jogos voam pelos ares ao ritmo da música. A imagem que se tem se assemelha a um sonho.

Tal construção imagética não se restringe a essa cena. O aspecto visual do filme é genial em suas sutilezas e os três ambientes principais se contrapõem e se complementam na medida certa. A casa da família Wormwood é extremamente colorida, tons quentes se ressaltam, móveis e tecidos parecem muitas vezes se sobrepor e as estampas se misturam de forma exagerada, o que reflete a personalidade excêntrica dos pais donos da residência. Porém, quando Matilda está sozinha, a casa parece ganhar uma nova vida e as cores ganham um novo sentido. Por outro lado, a mansão da vilã é escura, em tons de cinza e marrom, apesar de grande, as paredes parecem reprimir quem está no interior e móveis velhos e sujos tomam conta do lugar. Mais uma vez, o ambiente reflete seu personagem, nesse caso, em seu caráter sombrio e opressivo. O ponto médio dessa narrativa visual é a escola Crunchem Hall, onde a sala de aula da professora Honey esbanja cores, formas, pinturas e recortes, um verdadeiro ambiente lúdico infantil, mas na ameaça da presença da diretora, se transforma e passa a ser tão ameaçadora quanto a própria figura quase tirana da vilã.

Com tantos elementos, à primeira vista, assustadores, pode-se pensar que o filme cria uma imagem não favorável aos pequenos, mas com toda sua assertividade, Danny DeVito desenvolve uma atmosfera divertida que vai além da caricatura marcante dos personagens e foca em propor o protagonismo às crianças. As travessuras de Matilda são carregadas de motivos e significados que são bem compreendidos pelo público-alvo, provocando uma reflexão sobre o certo e o errado. A garotinha é geniosa, mas não dá ponto sem nó, e suas ações mostram que mesmo quando ignoradas, maltratadas e negligenciadas, crianças podem ser fortes e têm muito a ensinar. Durante 1 hora e 38 minutos de filme torcemos pela menina e esperamos pelo seu próximo passo ou sua próxima encrenca. Ela pensa como a criança que é, e dá aos pequenos uma noção de justiça, ensinando que uma pessoa não está certa apenas por ser adulta – enquanto todos a sua volta tentam convencê-la do contrário. Em dado momento, em uma cena que explora o amor da personagem pelos livros, o narrador diz que eles a passaram uma mensagem importante: “você não está sozinha”. Da mesma forma, é exatamente isso que o filme transmite a quem assiste.

“Matilda” é a opção certa para uma tarde em família e carrega a certeza de encantar espectadores de todas as idades. Afinal, após 27 anos de sua estreia, o filme se tornou um clássico que mescla magia e sonhos com uma realidade crua que tem muito a ensinar, especialmente às crianças, e ainda auxilia o desenvolvimento das primeiras noções de senso crítico. É uma obra para ser admirada por todos e por muito tempo.